

A propagação das idéas e conhecimentos uteis é uma empresa generosa, e proficua á sociedade.

O PROPAGADOR.

A boa vontade, união, confiança constituem a mais poderosa alavanca dos progressos sociaes.

Publica-se uma vez por semana, sendo as assignaturas—por anno 8\$000—por seis meses 5\$000. Os sócios tem uma columna gratis, e os assignantes meia columna, e o excedente, e mais publicações á 100 reis por linha. Folha avulsa 240 reis.

THERESINA: TYPOGRAPHIA--INDEPENDENTE--IMPRESSO POR ANTONIO DA COSTA JUNIOR.

O PROPAGADOR.

E' nosso proposito não occupar-nos com os **meirinhos** do sr. Junqueira em quanto elles em sua *delicada* linguagem continuarem a *mi-mosear-nos* com insultos.

A nossa resposta será sempre a que lhes temos dado nos n.º 43, e 44 deste jornal e alguns anteriores.

Tractando porem elles de deprimir o muito honrado ancião e integro magistrado dr. Villaça não podemos eximir-nos de contrariar, de desfazer a impressão que em algum espirito menos reflectido possão ter causado os insultos que esses **esbirros** do sr. Junqueira tem atirado sobre esse magistrado.

Verdade é que a reputação do sr. Villaça está muitissimo superior ao immundo charco em que se chafurdão os **meirinhos** do sr. Junqueira. Elles podem servir, e de facto servem para deprimir a reputação alheia, mas nunca para prender os *velhacos, caloteiros, estellionatarios, assassinos, e tãdros*, porque são seus iguaes em vicios e crimes, com elles convivem, e lobo não mata lobo; assim como tambem não servem para uma discussão seria pela imprensa. A sua ignorancia os inhibe disso.

Entretanto na ausencia de factos, com a publicação dos quaes possão manchar a vida publica do sr. Villaça, elles soccorrem-se da intriga para vêr se conseguem indispor-nos e ao mesmo sr. dr. com os nossos amigos do interior, fazendo crêr que o sr. Villaça foi quem *reconhecendo a criminalidade* do tenente coronel José Antonio Rodrigues o mandou processar—e depois por *mandado* do sr. dr. Borges envidou todos os esforços para que fosse elle absolvido; nós historiamos esse facto para que se conheça até onde pode chegar a protervia dos **meirinhos** do sr. Junqueira.

Havendo chegado a pouco o sr. dr. Villaça a esta capital, não conhecendo as pessoas, as intrigas e as perseguições que soffrião os conciliadores, lhe foi indigitado o tenente coronel José Antonio Rodrigues como

comprador de um menino livre, sendo-lhe mostradas duas cartas, que parecião provar o crime. O sr. Villaça, juiz severo e imparcial na punição dos criminosos, como o tem mostrado, ordenou ao delegado das Barras, de uma maneira assás positiva, que instaurasse o respectivo processo, procedimento este muito louvavel da parte do sr. Villaça, tanto mais porque as cartas lhe forão mostradas pelo proprio sr. Junqueira, o que, parece, devia actuar muito no seu espirito.

As autoridades das Barras, que isto mesmo desejavão, não sò instaurarão o processo, como fizeram immediatamente prender o tenente coronel José Antonio Rodrigues antes da formação da culpa; entretanto que antes da ordem do sr. dr. Villaça não se atrevião a prendel-o e nem a processal-o, porque conhecendo-o melhor do que então o conhecia o sr. Villaça estavam bem certos de que não haverião provas para levar a effeito suas damnadas intenções, e bem sabião que a reconhecida honradez do sr. José Antonio Rodrigues só podia ser atacada de emboscada.

Principiado o processo, e desconfiando o delegado de seu resultado por falta de provas, officiou ao sr. dr. Villaça pedindo-lhe que o fosse ultimar.

Esta illegal exigencia do delegado, as informações, que posteriormente foi obtendo o sr. dr. Villaça e o tempo que se gastou na formação da culpa (tres mezes á pronuncia) o deverão ir logo convencendo da intriga e perseguição que soffria o tenente coronel José Antonio Rodrigues, e, sendo elle causa daquelle processo, era mui natural que desejasse ir aquella villa, para onde tambem e chamou o dr. juiz de direito. Foi nessa mesma occasião que, segundo nos consta, o sr. dr. Villaça recebeu officios do delegado do Brejo requisitando a prisão de alguns criminosos, e particularmente do finado tenente coronel Sabino Bacellar, que se dizia existir naquelle termo, e por isso com uma escolta, acompanhado por um official de policia, daqui partio no dia 24 de julho para aquella villa com escalla pela

da União, onde tambem tinha de organizar um processo.

Chegou o sr. dr. Villaça nas Barras na mesma occasião, em que, dando-se de suspeito o dr. juiz de direito João de Carvalho por intimação de *alguem*, da qual foi portador o mesmo sr. Villaça, foi aquelle processo julgado em recurso pelo juiz competente, e despronunciado e posto em liberdade o tenente coronel José Antonio Rodrigues.

Como pois pretendem os **meirinhos-expectadores**, no n.º 11 deste mez attribuir aquella despronuncia a influencia do sr. dr. Villaça, dirigido pela correspondencia do sr. dr. Borges?

Quem ignora, por ventura, quanto influio no animo do sr. Junqueira a defesa que fez o sr. dr. Borges pela imprensa ao seu honrado parente, a qual levou s. exc. a invidar esforços para acabar com a perseguição do sr. tenente coronel José Antonio Rodrigues, que havia animado, somente para satisfazer odios alheios?

Foi, por tanto, da leviandade do sr. Junqueira que partio a injusta pronuncia, que se viu na necessidade de mandar desfazer, na intenção, já tardia, de animar animos, que inconsideradamente havia exacerbado; e só a estúpida cachola dos **meirinhos** pode achar contradicção no procedimento do sr. dr. Villaça em mandar processar um individuo que não conhecia, por haver-o supposto criminoso a vista de informações de autoridades, que deverão ser tão interessadas como elle o tem sido na punição dos crimes, e depois coadjuvar na sua justa despronuncia, como reparação do mal, a que illudidamente dera força.

E acaso, mesmo assim, ordenou o sr. dr. Villaça alguma cousa as autoridades das Barras para a despronuncia do sr. tenente coronel?

Não: se nesse negocio foi o sr. dr. Villaça instrumento do *mal*, levado de falsas informações apadrinhadas pelo sr. Junqueira, foi a final instrumento do *bem* com conhecimento de causa; porque pelo geral pronunciamiento viu que tinha sido altamente enganada a sua boa fé.

E de mais podia o chefe de poli-

éia fazer essa viagem sem sciencia e consentimento da presidencia?

Não; e como se accusa a um, e se procura santificar o verdadeiro mo-vel dessas tergiversações?

Na villa das Barras o procedimento do sr. dr. Villaça foi tal que ambos os partidos o estimarão e respeitarão.

E porque tendo tudo isto se dado em julho só agora é que se lembrão os meirinhos de censurar o sr. dr. Villaça? Não vêem todos que a sentença do padre Antonio foi a causa disto? Até 19 de outubro o sr. Villaça era bom magistrado, hoje porem não serve para chefe de policia! De certo que elle hoje não pode agradar aos meirinhos; elles temem que por suas immensas faltas o sr. Villaça os chame a contas, e em verdade um máo meirinho deve recear-se de um juiz integro.

Quem não vê que esse padre, que renegou sua patria, somente por calculo, trama para desconceituar este pobre Piauí fazendo-o systematico oppositor de todas as autoridades para aqui nomeadas, a fim de ser considerado em estado ainda de selvageria, e poder ir assim elle pescando nas agoas turvas? Não sabe a meirinhada que elle na occasião de sua partida dissera: — retiro-me temporariamente do Piauí, e talvez que para sempre; porem tenho a satisfação de haver estabelecido uma crise, da qual custarão a sahir-se inimigos e amigos meos?!

Não estará, pois, bem patente, que a sentença do padre Antonio foi a unica causa da guerra que hoje se move ao sr. dr. Villaça?

Na occasião da defesa do padre Antonio disse este em publico auditorio de mais de 50 pessoas, que confiava muito na integridade, intelligencia e honradez do sr. dr. Villaça, protestando solemnemente que se sujeitava de bom grado a qualquer sentença, ainda que fosse a de sua condemnação.

Quem ousará negar isto?

Mas para que gastar tempo precioso com os meirinhos; não são elles já perfeitamente conhecidos?

Não procurão elles unicamente, a força de enlamear-se, atirar alguma lama sobre aquelles a quem não podem chegar?

Para que pois cançar-nos?

Quando os meirinhos deposerem a penna de escriptores, e a empunharem os que poderem discutir conosco em campo plano e limpo, nós estaremos promptos á entrar em lição — ao contrario repetiremos sempre:

« Quando a canalha a mais vil, abjecta, desprezivel, e cynica apupa a homens honestos e sensatos, estes devem passar por entre ella de frente erguida, lançando-lhe um olhar de desprezo . . . ou antes de compaixão . . . »

Oeiras, 8 de novembro de 1858.

Moralidade da imprensa official — mentiras do dr. Borges.

Quem não tiver lido as duas folhas que nesta provincia sustentão a presidencia, e souber que ellas estão sujeitas, por um contracto official e publico, á mais rigorosa censura do presidente, de sorte que nada podem publicar sem o seu exame e approvação, ha de suppôr que são dois paladinos da decencia e bons costumes, dois órgãos sonoros dos seus principios, dois missionarios da conciliação, da moralidade e da justiça.

Pois bem! E' nessas folhas, cujo primeiro responsavel é o sr. presidente Junqueira, que tem sido insultados da maneira a mais desabrida e virulenta todos os homens que tem o infortunio de estar fora de suas graças, ou o enorme peccado de não achar boa sua administração, e de dizer francamente os porques em um jornal, mas com toda a dignidade, moderação e decencia.

Foi nellas, (*Correio Piauíense* n.º 94 de 9 de julho deste anno) que se declarou que a assemblea provincial fôra adiada para acautellar os interesses da provincia ameaçados pela aridez, e multiplicidade de pretensões monstruosas, que querião obter para si e seus amigos os representantes da provincia, que quasi unanimes, tinham feito um pacto, que traria a bancarrota das finanças da provincia.

Foi nellas, (*Correio* n.º 98) que os redactores do *Propagador* forão equiparados a hyena feroz, ao vulgacho o mais grosseiro, á plebe a mais desenfreada, á canalha a mais cynica; e seus escriptos qualificados de infames coarctadas, e declamações estupidas e aleivosas.

Foi nellas, (*Correio* citado) que se declarou franca e positivamente que o sr. presidente se ligara ao partido conservador puro porque foi nelle que descobriu honestas intenções, e por conseguinte representado por homens de bom conceito e reconhecida moralidade, sendo que o outro sempre foi repellido por seus antecessores, e o será sempre por todos que zellarem sua reputação.

Foi nellas, (*Correio* citado) que se reproduzio, como producção propria, e justamente applicada aos liberaes da provincia, uma asquerosa correspondencia para o *Observador* maranhense, na qual se prodigalisa a injuria e a diffamação com a maior audacia.

Foi nellas, (*Expectador* n.º 5 de 29 de setembro) que os redactores do *Propagador* forão qualificados de saltimbancos, caturras politicos, e personagens dignas de figurar nos vapros fastos dos galés; e o honrado inspector Freire apresentado como devendo ao sr. Junqueira a honra, que lhe seria arrancada por habers inimigos, que só lhe deixarião a alternativa da vergonha e da cadeia.

Foi nellas, (*Expectador* n.º 7) que

prometteo-se ainda ao sr. Freire uma analyse de sua vida, cujo resultado produzirá aos seus ouvidos uma balata tão funebre, como funebre é o tanger dos sinos tocando á finados, quando ferem a consciencia do moribundo.

Foi nellas, (*Expectador* n.º 8) que se ameaçou de pôr patentes os vicios e crimes, calotes e falsificações, prevaricações e estelionatos dos redactores do *Propagador*.

Foi nellas, que um dos seus principaes redactores, o sr. padre Antonio Augusto de Andrade e Silva, lançou contra o honesto sr. inspector aposentado Harreiros uma aluvião de insultos e impropérios, pelos quaes foi condemnado pelo sr. chefe de policia.

Foi nellas, finalmente (*Expectador* n.º 9) que o sr. chefe, em paga da imparcialidade com que tem procedido, do empenho e sacrificios com que tem procurado manter-se em boas relações com o sr. Junqueira, e com todos, foi insultado da maneira a mais nojenta e inconcebivel, só porque, obedecendo á sua consciencia e ao seu rigoroso dever, ousou condemnar o sr. padre Antonio. Repugna-me transcrever o insulto; quem quizer bem apreciar o que é a imprensa presidencial veja o jornal citado, ou o *Propagador* n.º 43 em que elle vem transcripto.

Eis os serviços que a imprensa presidencial tem prestado á conciliação e bons costumes e como respeita sua elevada missao.

Eis porque diz um escriptor que — « o homem publico deve resignar-se á ser atacado em seu espirito, em sua reputação, em seu patriotismo, e até em sua probidade. »

Collocada a administração, pelos seus desvarios, na impotencia de defender-se, abandona quasi que completamente a analyse dos factos que tem feito o *Propagador*, e atira-se impavidamente ao campo dos convicios, sem lembrar-se que — « o funcionario que procura despertar as paixões odientas, excitar a desconfiança, semear a calumnia, irritar seus adversarios com o sarcasmo, a ironia, e a injuria, calca aos pés as obrigações que contrahio para com a patria, accettando funcções publicas; e que o particular que cabe nos mesmos excessos é um máo cidadão. » (1)

Não pense alguém que assiste ao menos aos jornaes do sr. presidente a attenuação de uma provocação da parte do *Propagador*: não, ninguém será capaz de mostrar em qualquer n.º deste, anterior ás primeiras aggressões do *Correio*, uma expressao insultuosa, nem mesmo uma opposição formal e declinada contra a presidencia.

Se posteriormente o *Propagador* recusou continuar-lhe o apoio dedicado que lhe havia prestado; se collocou-se em opposição franca e vigo-

(1) Sismonde, constituições dos povos livres.

rosa; se uma ou outra vez lhe escapou alguma expressão menos conveniente, procurou sempre, apesar das reiteradas e violentas provocações, manter uma linguagem decente; não enxovalhou a autoridade, nem atirou asquerosa lama sobre seus adversarios; e só nestes ultimos n.º entendo que devêra publicar um protesto energico, que exprimisse tambem a razão porque não responde aquelles, que se escondem por tras de um pobre meirinho, para diffamar adversarios leaes, que publicão seus nomes, e se apresentam a peito descoberto.

No artigo — *A actualidade e o sr. Junqueira* — que se me attribue com o unico fim de assaltar-me, e cuja responsabilidade não recuso, qual é a expressão que possa ferir levemente os ouvidos mais delicados e susceptiveis? Nelle é censurado s. exc. por muitos actos de sua administração; mas duvido que algum jornal de opposição, em frente de um governo como o do sr. Junqueira, e, o que é mais, depois de tão doestado por conta de s. exc., tenha usado de uma linguagem mais comedida e moderada.

Confronte-se o *Propagador* com os jornaes dos correligionarios de s. exc., que no Rio-Grande-do-Sul fazem opposição ao sr. conselheiro Ferraz, e com os que na Bahia a fizeram ao sr. senador Cansansão, e vêr-se-ha quão evangelica é a paciencia, o soffrimento dos redactores do *Propagador*.

S. exc. sabe que por muito tempo aconselhei a meos amigos que o supportassem, que o podassem, que não rompessem de todo em quanto s. exc. pudesse ter alguma razão, embora futil, para arguil-os de precipitados e injustos.

Essa hora, que queriamos todos afastar, s. exc. a apressou com seus actos apaixonados, e com uma marcha progressivamente nociva aos interesses da provincia: podia eu, com as convicções que tenho sobre os negocios da provincia, ficar indifferente, e impassivel aos seus males, e aos soffrimentos dos meos amigos? Fôra preciso ser um egoista, um homem sem nennhum estimulo, sem nennhum sentimento nobre.

E pois daqui mesmo, onde me prende o meo dever, que tenho a consciencia de cumprir com tão restricta imparcialidade e exactidão, que não receio a contradicção dos meos adversarios, entro com o meo fraco contingente na opposição que soffre o sr. presidente, porque entendo que a qualidade de magistrado me não dispensa de outros deveres de cidadão, que com ella se concilião perfeitamente.

No entretanto o sr. presidente irrita-se com isso, e manda-me advertir no n.º 6 do seu *Expectador* que em vez de escrever mentiras vá eu percorrer a comarca, como me cumpre, pois que ainda uma só vez não fui abrir o jury de Valença.

Ora, não são de certo os meos

escriptos que me tem embaraçado de ir a Valença, e sim molestia que me priva de montar a cavallo, da qual tenho estado em tratamento desde que aqui cheguei, como é de todos sabido, e da qual podera talvez já estar livre, se não fôra o penoso e prolongado trabalho do jury, que presidi nesta cidade. Por outro lado, nada soffreo o serviço publico com a falta do meo comparecimento em Valença, sendo que fui substituido pelo digno dr. juiz municipal. Só a má fé, e o despeito, pois, pode accusar-me de não percorrer a comarca.

Naquelle mesmo n.º do *Expectador*, e no 8.º se diz que a minha candidatura em 1860 é a causa innocente da febril agitação e effervescencia do meo espirito.

O sr. Junqueira e os seus auxiliares na redacção certamente não conhecem outros motivos de acção senão a ambição pessoal: é por isso que os enxergão na opposição que lhes faço; e, occupando-se tão a proposito de minha candidatura, bem mostram que ella é o seu pesadello, e a causa innocente da febril agitação e effervescencia que se nota na administração, e em certo grupo que a rodeia. Foi isto sem duvida o que quizerão dizer os srs. do *Expectador*, aos quaes lembro que a eleição ainda está tão longe que podem perder o seu trabalho, e até talvez offerecer-me seus serviços alguns do grupo, como ainda na passada o fizeram. Quem sabe se eu mesmo não fugirei á competencia desanimadora dos candidatos do *Expectador*? Para que pois tanto encommodo?

O sr. Junqueira, e seus auxiliares sabem perfeitamente que, estando eu ausente da capital não posso por mim mesmo conhecer de certos factos; que os amigos que m'os communicão encontram nas repartições as maiores difficuldades para examinal-os; e que, por tanto, é possível, apesar do maior cuidado, da melhor boa fé, escaparmos algum equívoco; mas como o seu proposito é injuriar, a nada disso attendem, e já nos dois n.º citados do seu *palido* jornal se tem occupado com o q' chamão — as mentiras do dr. Borges.

Quaes sao ellas?

A primeira é que não ha dois menores na secretaria; mas confissão que ha um nella, e outro servindo de mestre na officina de encadernador.

A segunda é que no Piahy ha tanto livro á encadernar que a officina teve em 5 mezes o rendimento de 185\$080 reis; mas quem não vê que essa receita não pode ser permanente? Quem não conhece que ella foi filha da necessidade de justificar o acto censurado? Informe-nos o *Expectador* da quantia com que contribuirão os cofres publicos para tal rendimento, da natureza das obras que por conta delles se encadernarão, seus preços &, que isso será talvez uma demonstração de quanto é artificial a renda, e verdadeiro o esbanjamento dos

dinheiros publicos. Quando se acabar o encadernamento de quanto papel velho e avulso ha pelas repartições, veremos quanto rende a officina, e quantos officiaes encadernadores pode sustentar o Piahy, tão rapidamente transformado pelo sr. Junqueira em um grande productor de livros.

A terceira é que na decantada rampa e passeio-publico não se gastarão 4 contos de reis, e sim 1:600\$000 reis.

Seja; mas, se é verdade, como me assegurão, que essa obra estupenda fôra orçada em 700\$000 reis para ser feita de pedra e cal, existirá sempre o esbanjamento censurado, principalmente se attender-se que foi construida de madeira, e com tal solidez e arte que as ag. as do Parnahyba provavelmente conduzirão no proximo inverno a rampa, e as das chuvas reusirão à lama o passeio.

Srs. *Expectadores*, o homem que publica conscienciosamente um factio como lh'o transmittem pessoas fidedignas, pode cahir em uma inexactidão, mas só o diffamador o chamará mentiroso.

Mentiroso è aquelle que sabendo o contrario assegura em um jornal que *deputados provinciales quasi unanimes haviam feito um pacto para satisfazer pretensões monstruosas, que trarião a bancarrota da provincia.*

Mentiroso è aquelle que escreve para o *Jornal do Commercio* dizendo que a assemblea provincial foi adiada por causa de *projectos immorales, e rumosos*, que lhe forão apresentados, sendo que um só projecto não apparece.

Mentiroso è aquelle que manda correspondencias para o *Diario de Pernambuco*, servindo-se do nome alheio, e fazendo apparecer o seu adversario com um caracter odioso.

Mentiroso è aquelle que em um jornal dá como feitas pelo sr. Junqueira muitas obras, que nem forão começadas; como cemiterios em varios termos, açude em Campo-maior, matriz em S. Gonçalo & &, e outras que estão em principio, ou que nennhum adiantamento lhe devem, como casa de feira, internato convertido em thesouraria & &.

Mentiroso è aquelle que diz que todos os redactores do *Propagador* devem favores ao sr. Junqueira, pois que eu, e outros nunca os recebemos, nunca lh'os pedimos. Apenas na noite anterior a minha partida para esta cidade lhe fallei, bem constrangido, no direito e razão que tinha o bene merito e distincto coronel José Candido de Aguiar de ser proposto para commandante superior da capital, sobre o que já presumia e então verifiquei a má disposição de s. exc.

Mentiroso è....; mas não, publique primeiro o Epaminondas o seu nome, e diga o que tem escripto, para então vêrmos quem é o mentiroso, quem por seu caracter e obras, merece essa qualificação, que tão *politamente* me atira.

Continue o *Expectador* sua obra de diffamação, que o *Propagador* proseguirá na sua de resignação e longaninidade, bem convencido de que— «as declamações e injurias de homens furiosos, como já se disse em defesa de um virtuoso sabio, só impressiona a outros furiosos.» (2)

Sim, chovao embora as invectivas, os insultos, as demissões, o *Propagador* não abandonará seu posto affrontará as iras do poder, porque como diz um escriptor estimavel—«com as duas forças omnipotentes do mundo, razão e justiça, pode-se atravessar tempos de provações, ser desfigurado, insultado, lançado em uma resignada mediocridade, ou combater ao lado de um pequeno numero de homens de coração...., consultando sempre aquelles guias eternos para fortificar-se no pensamento de que segue-se o caminho do bem, e da verdade. Então a discussão, se algumas vezes se transvia em particularidades, conservará sempre o perfume da sinceridade e da honestidade, que formão o caracter de suas crenças.» (3)

Antonio Borges Leal Castello-branco.

Correio da côrte.

O estafeta de Caxias, que aqui chegou a 19 do corrente, trouxe noticias do sul até 19 de outubro: todas as provincias ficavão em paz.

O tenente-general Andreas (barão de Caçapava) que tão relevantes serviços prestou ao Brasil, falleceu no Rio-Grande-do-Sul, na idade de 81 annos.

O monumento encomendado para ser collocado na pyramide levantada na praça da Matriz nesta cidade, em honra do exm. sr. conselheiro Saraiva pela mudança da capital, achava-se concluido, e prestes à partir no vapor destinado à navegação do Parnahyba, que ainda ficara no Rio de Janeiro. É uma columna de marmore, tendo na base as seguintes inscripções:

Em uma das faces:

JUSEPHUS ANTONIUS SARAIVA.

Hanc urbem condidit.

Anno D. Ni.

MDCCCLII.

E na outra:

PIAUIENSES.

Grati hoc fecerunt.

Anno D. Ni.

MDCCCLVIII.

O *Correio Mercantil* do Rio traz correspondencias do Piahy, e a inserta no n.º 282 de 17 de outubro, cuja linguagem desconhecemos, apresenta interesse no tocante a administração do sr. Junqueira, que é ahí qualifica-

do de—diabrete. Considera-se o sr. Junqueira de *malas arrumadas* para outra presidencia a instancias suas: pois bem, deixe-nos o sr. Junqueira quanto antes, e de qualquer forma, que fará serviço ao Piahy, e especialmente a si proprio.

NOTICIAS E FACTOS DIVERSOS.

—Teve lugar no dia 20 a reunião dos accionistas da companhia de navegação a vapor do rio Parnahyba. Lançamos um véo sobre as occorrenças desagradaveis, que mal entendidas prevenções ião ocasionando nesse adjunto, e limitamo-nos a noticiar a summa do em que se accordou. Declarou-se encorporada a companhia, verificando-se estarem subscriptas 800 acções, inclusive 146 tomadas pela provincia. Nomeou-se um directorio provisorio de 3 membros para tratar do contracto com a presidencia. Consta-nos que esse contracto fôra assignado a 24. A quasi totalidade dos accionistas ignora os fundamentos de tal contracto. Parece-nos que o negocio é muito serio; e por ser sobre vapor, não deve andar a vapor. Os Piahyenses jogão nelle com interesses mui superiores a cabecinhas vaporosas.

—Diz-se-nos de Jeromenha em data de 18:—o dr. Amaral aqui se acha, e nada tem a fazer, porque o processo—Justo Rufino—está concluido. A villa estava communicavel; mas com a chegada do interino chefe, já ferrem os enredinhos e mexericos.

—Consta-nos que o escravo nacional—Manoel biá—ao serviço particular do sr. Neves da rampa, tendo estragado uma mão, fôra trocado por outro, tambem nacional, de nome Belisario, se não de ordem do sr. Junqueira, a arbitrio do sr. Vallerio das obras provinciaes. Não comprehendemos a estada de um escravo da nação em poder do sr. Neves, nem mesmo para pensar o bote *exm.*, como se diz, de que o sr. Neves, chefe de secção na administração de fazenda, é o patrão, palinuro, arrais, jacumabuba, ou como melhor nome haja; visto que esse bote, desde a administração do exm. sr. Saraiva, existe sem que se distraia das obras da provincia um escravo nacional para servir ao sr. Neves a titulo de pensar o bote. Parece-nos que o sr. inspector da thesouraria deve lançar suas vistas para esses escravos, muito principalmente quando elles se estragão em serviços alheios daquelles para que são destinados de ordem do governo geral.

—Foi demittido de agente fiscal em Oeiras o sr. major Antonio de Hollanda, e substituido pelo collecter provincial o sr. capitão Odorico Roza.

—Foi exonerado do engajamento da secretaria o sr. Salustiano Nazareth,

e engajado no seu lugar um irmão do finado dr. Viriato.

—O sr. dr. Villaça voltou ao exercicio do seu lugar de chefe de policia a 26 do corrente.

ANNUNCIOS.

—A directoria provisoria da companhia de accionistas de navegação a vapor no rio Parnahyba—convida aos srs. accionistas para reunirem-se no dia 5 do proximo mez de dezembro na casa da assemblea provincial, as 9 horas do dia.—Theresina 26 de novembro de 1858.

Os directores.

Thomas d'Aquino Ozorio.

Deolindo Mendes da Silva Moura.

Dr. Simplicio de Souza Mendes.

—Um bonito e variado sortimento de mercadorias francezas, tudo de bom gosto, e especialmente para senhoras, chegado ultimamente do Maranhão, se acha a venda por preços commodos, na loja de José Bento Valladares, na rua Grande desta cidade.

—Nesta typographia se dirá quem tem para allugar uma escrava para todo o serviço domestico de uma casa.

—O abaixo assignado para completo desengano da maledicencia de alguns individuos, que tem procurado abocanhar sua reputação com diterios, que bem offendem a quem nutre melhores sentimentos, vem por meio do presente annuncio declarar que é morador no lugar denominado S. Pedro na Vermelha, suburbios desta cidade, desde seu começo, onde tem com sua familia residido e continuará a residir, a cujo lugar qualquer pessoa que com elle tenha negocios se pode dirigir.—Theresina 17 de novembro de 1858.

Malaquias Francisco Freire.

—Da fazenda Curraes-novos, termo das Barras, pertencente a D. Torquata da Cunha e Silva Gonçalves, fugio o seu escravo Fidentes, cabra, de 40 annos, estatura ordinaria, fornido, presença alegre, meio calvo, começando a pintar, um tanto barbado, tem uma cicatriz na testa, um dente de menos na frente, e provavelmente signaes de relho nas costas. Quem o entregar naquella fazenda, ou na Theresina ao sr. dr. Candido Gil Castello-branco, em Campo-moior ao sr. capitão Antonio Maria Eulalio, em Caxias ao sr. tenente coronel Ernesto José Baptista, será bem recompensado.

Theresina, Typ.—Independente.—1858.

(2) Defesa do espirito das leis.

(3) Garnier Pagès, dictionario politico.